

OS TRÊS GRANDES DE TUIUTI

A DEFESA NACIONAL, na oportunidade da passagem de mais um aniversário da Batalha de Tuiuti, travada a 24 de maio de 1866, nos campos do Paraguai, publica, a seguir, uma síntese biográfica de Osório, Sampaio e Mallet, os três chefes militares que ganharam para o Exército Brasileiro as maiores glórias daquele memorável feito de armas.

Esta síntese biográfica é da autoria do Professor P. J. de Mallet Joubin, Oficial da Reserva do Exército, que tem a publicar um livro intitulado "Mallet, Patrono da Artilharia".

Os esforços conjugados da 3^a Divisão de Infantaria, cognominada de "Divisão Encouraçada", do 1.^º Regimento de Artilharia a Cavalo e a ação de comando do Chefe do Exército Brasileiro, exemplificam as estreitas ligação e cooperação que devem existir entre as Armas e o Comando no campo de batalha. A tenaz resistência de Sampaio e de Mallet propiciam a Osório o tempo necessário para desenvolver e engajar as tropas em toda a frente, assegurando a vitória às Armas Aliadas.

Como Caxias, Osório, Sampaio e Mallet lutaram pela unidade nacional e pela integridade de nossas fronteiras, contra os inimigos internos e externos da Pátria.

O Exército exerce princípio relevante de psicologia social ao cultivar os seus heróis do passado, exemplos perenes para as futuras gerações de soldados. Pelas suas excelsas virtudes militares, Osório, Sampaio e Mallet elevaram e glorificaram o Exército Nacional no período de sua formação. Por isso foram consagrados numes tutelares das Armas Brasileiras. Simbolizam, ao lado da figura ímpar de Caxias, o glorioso e sagrado patrimônio moral e cívico da Nação e das Fôrças Armadas que, ontem como hoje, mantêm a ordem interna e defendem as fronteiras do Brasil.

OSORIO, PATRONO DA CAVALARIA

Por P. J. DE MALLET JOUBIN

O ínclito Marechal-de-Exército Manoel Luis Osorio, uma das mais lídimas glórias das Armas Brasileiras, nasceu a 10 de maio de 1908, na então vila de Conceição do Arroio, na Província do Rio Grande do Sul. Foram seus pais o Oficial de Milícias Manoel Luis da Silva Borges e Dona Ana Joaquina Osorio.

Em 1822, quando proclamou-se a nossa Independência, o jovem Manoel Luis residia na vila do Salto, na Cisplatina, onde seu pai estava de guarnição. Como as tropas portuguêsas de Montevidéu não aderiram à nossa emancipação política, o Corpo de Troopa de Silva Borges foi juntar-se às forças que o general Lecór reunia para sitiaria aquela cidade. O pai, ao partir, leva consigo o filho, o jovem Osorio, então com 14 anos de idade.

Poucos meses depois, a 1.º de maio de 1823, Manoel Luis Osorio, com 15 anos incompletos, senta praça voluntária na Cavalaria da Legião de São Paulo. É um dos mais jovens soldados de Cavalaria da Independência, cuja realização empolga sua alma juvenil. No mês seguinte, faz parte de uma patrulha, nas proximidades de Montevidéu, que choça-se no arroio Miguelete com as avançadas da Cavalaria portuguêsa. O jovem Osorio tem aí o seu batismo de fogo.

Em fevereiro de 1824, os português rendem-se e Lécór entra em Montevidéu, organiza o

governo e assegura a incorporação da Cisplatina ao Império.

Reconhecido 1.º Cadete, a 24 de dezembro desse mesmo ano, Osorio é nomeado Alferes de Cavalaria para o Exército de 1.ª Linha, com menos de 17 anos de idade. O primeiro cuidado do jovem Alferes foi requerer matrícula na Academia Real Militar. Seu desejo era aprimorar sua instrução, pois esta era ainda muito rudimentar, a única que conseguira no meio desprovido de recursos em que vivia. Seu pedido foi atendido, mas não efetivado, pelas circunstâncias dos próximos acontecimentos bélicos.

Em seguida, em 1825, inicia-se a Campanha da Independência do Uruguai, sublevado contra o Império. As forças brasileiras que ocupam Montevidéu e Colônia são sitiadas. A situação torna-se angustiosa. Do Rio Grande do Sul partem tropas de socorro, comandadas por Abreu e Bento Gonçalves. De Montevidéu sai um Contingente do qual faz parte o Alferes Osorio, que retorna a essa cidade em setembro de 1825, com um reforço de Bento Manoel Ribeiro.

No mês seguinte, Bento Manoel sai de Montevidéu com 1.150 homens de Cavalaria e faz junção com Bento Gonçalves. Na manhã de 12 de outubro de 1825, ao transpor o arroio Sarandi, ambos são surpreendidos por forças de Lavalleja e Rivera (2.600 cavalarianos).

O inimigo envolve as duas alas das forças imperiais e as fazem debandar. O esquadrão a que Osorio pertence é dizimado. Só escapam, combatendo braço-a-braço, o próprio Osório e 9 praças que repassam o Sarandi e vão reunir-se a Bento Manoel Ribeiro que retorna ao Rio Grande do Sul.

Depois do malôgro de Sarandi, o Brasil declara guerra à Argentina, que se unira aos uruguaios rebelados.

No ano seguinte (1826), concentra-se no acampamento de Livramento, o Exército comandado pelo general Massena Rosado, que trouxera consigo, do Rio de Janeiro, Infantaria e Artilharia para reforçar as tropas do Sul.

O Alferes Osorio passa a servir nesse Exército, no 5.º Regimento de Cavalaria de 1.ª Linha. E aí, nesse vasto acampamento, vem a conhecer o então 1.º Tenente Emílio Luiz Mallet, que comandava a 1.ª bateria do Corpo de Artilharia Montada da Corte. Os dois jovens oficiais, ambos Cadetes da Independência, tornam-se amigos, nas longas tertúlias ao pé do fogão, durante um ano de sofrimentos e privações que o Exército passou inativo em Santana. Osorio tem necessidade de conhecimentos gerais e científicos e Mallet, educado na França e na Corte, tem curiosidade por aquêle mundo novo que se abre ante seus olhos: as peculiaridades da Província do Rio Grande do Sul e dos seus vizinhos do Prata. Nasce daí uma amizade útil, leal e duradoura entre os dois jovens oficiais.

A 2 de janeiro de 1827, o Marquês de Barbacena, vindo da Corte, com maiores recursos, assume o comando do Exército. A tropa é arrancada da apatia em que vivia e marcha ao encontro do inimigo que invadira o Rio Grande do Sul e já ocupara Bagé.

Na batalha do Passo do Rosário, a 27 de fevereiro, o Alferes Osorio toma parte em todos os lances e peripécias por que passa o 5.º Regimento de Cavalaria, sob o comando do Ten Cel Felipe Néri de Oliveira. Essas ocorrências acham-se registradas na Parte de Combate do general Calado, comandante da 2.ª Divisão, que sustentou a retirada do Exército. O Marquês de Barbacena, em sua Ordem do Dia, diz que essa Divisão portou-se "na sua retirada com um valor que parecia difícil conceber".

Instalado o Exército no Acampamento de São Lourenço, no Jacuí, Barbacena passa o comando ao Marechal Brown. A Cavalaria de Milícias da Província, que possui chefes de valor, como Bento Gonçalves, Bento Manoel Ribeiro e Antônio de Medeiros Costa, fica agrupada sob o comando do Marechal Sebastião Barreto. Essa Cavalaria acompanha a retirada do Exército de Alvear que repassa a fronteira. Os contendores evitam o combate porque as cavalarias de ambos estão esgotadas.

Os batalhões de Infantaria ficam no Acampamento de São Lourenço e o 5.º Regimento de Cavalaria recolhe-se à sua sede em Rio Pardo. A 12 de outubro, o Alferes Manoel Luiz Osorio é

promovido a 1.º Tenente pela sua conduta na batalha de Passo do Rosário. Para Rio Pardo seguem, também, as baterias de artilharia, onde serve Mallet, já promovido a Capitão.

Em setembro de 1827, o Marechal Brown concentra o Exército no vale do Jaguárao, cuja fronteira está ameaçada. Em abril de 1828, Lavalleja incursiona no território riograndense, levanta 20.000 cabeças de gado das fazendas vizinhas e retorna ao Uruguai. Brown sai-lhe ao encontro, com um destacamento das 3 Armas, do qual fazem parte o 5.º Regimento de Cavalaria, onde serve Osorio, o 22.º Regimento de Cavalaria de Milícias, sob o comando do Coronel Antônio de Medeiros Costa e uma bateria de Artilharia comandada pelo Capitão Mallet. Essa força surpreende o Acampamento da vanguarda de Lavalleja e o destrói completamente a 15 de abril de 1828.

Feita a paz, no fim desse ano de 1828 o 1.º Tenente Manoel Luis Osorio segue para Bagé com o seu Regimento, mas em seguida este recolhe-se à sua sede em Rio Pardo. Nessa localidade vai reencontrar o seu amigo Mallet, que serve nas baterias do Corpo de Artilharia Montada da Corte ai aquareladas. Os dois amigos e companheiros da Campanha que acabava de findar, ambos jovens e solteiros, são muito bem recebidos pela sociedade local. E, nas horas de folga do serviço de guarnição, fazem juntos a corte às jovens casadouras das melhores famílias de Rio Pardo.

Em 1831, o 5.º Regimento de Cavalaria de 1.ª Linha recebe a

denominação de 2.º Corpo de Cavalaria de 1.ª Linha. O novo Corpo é um dos herdeiros das tradições do glorioso Regimento de Dragões do Rio Pardo, como também das do legendário Regimento de Dragões Reais de Minas, as mais antigas unidades de Cavalaria do Brasil.

Osorio em março de 1829, destacou com um Contingente de seu Regimento para a Fronteira de Bagé. E, em 1834, toda a União transfere sua sede para esse local, mais próximo da linha divisória que lhe cabia vigiar.

Na Vila de Bagé, Osorio vai reencontrar seu amigo Emílio Luiz Mallet, afastado do Exército desde 1831, e agora casado com Dona Joaquina Castorina de Medeiros, filha do Coronel Antônio de Medeiros Costa, abastado fazendeiro e influente chefe local. Osorio estende seu círculo de amizades às famílias Medeiros e Fagundes. Torna-se amigo de Ismael Soares e Manoel dos Santos Jardim, ambos fazendeiros; o primeiro, concunhado de Mallet e o segundo seu futuro genro. A 15 de novembro de 1835 o 1.º Tenente Manoel Luiz Osorio casa-se com a jovem Francisca Fagundes, filha de Zeferino Fagundes de Oliveira, fazendeiro, Juiz de Paz em Bagé e cunhado do Coronel Medeiros, cuja esposa era irmã daquele. A noiva, portanto, era prima-irmã da esposa de Mallet. Este foi o padrinho e testemunha do casamento.

Na Vila de Bagé, Osorio, seus amigos e familiares foram surpreendidos pelo início da Revolução Farroupilha, que desvastou a

Província durante 10 anos, de 1835 a 1845.

A Revolução, nessa parte da Província, tem início em São Gabriel, onde o 3.º Corpo de Cavalaria de 1^a Linha adere ao movimento e une-se às forças revolucionárias chefiadas por João Antônio da Silveira. O Marechal Sebastião Barreto, que andava recrutando gente para combater a rebelião, dispersa-a e refugia-se no Uruguai, para não ser aprisionado pelos rebeldes de São Gabriel. A mesma coisa faz o Capitão Jorge de Mazzarrêdo, comandante interino do 2.º Corpo de Cavalaria de Bagé, cuja tropa estava distribuída em destacamentos pela fronteira.

O governo da Regência nomeia o Dr. Araújo Ribeiro, Presidente da Província e o prestigioso Coronel Bento Manoel Ribeiro, Comandante das Armas. Estas novas autoridades conseguem, até certo ponto, apaziguar os ânimos. Mas, os revolucionários mais exaltados continuam na luta que se alastrava por toda Província.

Em Bagé os amigos e familiares de Osorio são todos liberais moderados e permanecem fiéis ao poder central. Sómente Ismael Soares e Manoel dos Santos Jardim, ambos capitães de Milícias, aderem à Revolução e incorporam-se com sua gente, às forças de Antônio de Souza Netto que se aproxima de Bagé. Osório, depois da retirada do Capitão Mazzarrêdo, apresenta-se ao novo Comandante das Armas Coronel Bento Manoel Ribeiro, e este o manda retornar a Bagé, assumir o comando do 2.º Corpo de Cava-

laria e reagrupá-lo. Nessa ocasião, Emílio Luiz Mallet desloca-se para a fazenda de Caraguaté, em Taquarembó, no Uruguai, de propriedade de seu sogro, Coronel Medeiros, que lá se encontra. Ambos retornam a Bagé com um Contingente de 200 homens aos quais se juntam a gente trazida de Caçapava por Silva Borges, pai de Osorio, e as praças do 2.º Corpo de Cavalaria de 1^a Linha, comandadas por Osorio. Com todos estes elementos, o Coronel Antônio de Medeiros Costa forma uma Brigada de Cavalaria sob seu comando e vai reunir-se, a 13-3-1836, nas margens do Jaguari, às tropas de Bento Manoel e Silva Tavares, formando um total de 700 homens. Fica, assim, formado o núcleo inicial do Exército legalista de combate à Revolução.

A 17-3-1836, às margens do Passo do Rosário, essa força sob o Comando-Chefe de Bento Manoel, derrota 800 revolucionários ao mando de Corte-Real, obstando, assim, sua junção com as tropas de Bento Gonçalves e Souza Netto. A Brigada de Medeiros salienta-se nesse combate, com as atrevidas cargas de Cavalaria levadas a efeito por Osorio que fazia a vanguarda.

Depois desse combate, Medeiros retorna com sua Brigada à região de Bagé, a fim de vigiá-la contra as incursões dos revolucionários. Osorio é, então, comissionado como Major Instrutor da Brigada.

Em setembro de 1836, a Brigada de Medeiros marcha para Pôrto Alegre, a chamado de Bento

Manoel, e daí para a vila de Rio Pardo, com a missão de reconquistá-la, pois fôra ocupada pelo temível revolucionário apelidado de "Menino Diabo". Osorio faz a vanguarda, com o 2.º Corpo de Cavalaria. Medeiros aproxima-se com o grosso e ataca a vila a 11 de setembro de 1836. Depois de árduo combate, em que Osorio desempenha o papel costumeiro, árdego e ativo, a frente de seus cavalarianos, Rio Pardo cai em poder dos atacantes.

Em seguida a Brigada de Medeiros volta a se reagrupar com Bento Manoel para perseguir as fôrças de Netto. Nessa perseguição, Osorio destaca-se nos rápidos movimentos da Cavalaria, nas costantes guérilhas mantidas até o Passo do Salso no Jaguarão, por onde os revolucionários internam-se no Uruguai. A Brigada, depois disso, permanece vigilante na fronteira de Bagé.

Grave crise ocorre, nas fileiras da Legalidade, em 1837. O novo Presidente da Província, Brigadeiro Antero de Brito, entra em sérias desavenças com Bento Manoel, Comandante das Armas. Magoado com o tratamento injusto que recebera, êste chefe, que vinha muito bem servindo à causa da Legalidade, pede demissão do cargo, prende o Presidente e passa-se para as fileiras da Revolução.

Medeiros, Osorio e Mallet, apesar de amigos particulares de Bento Manoel, não o acompanham nesse gesto lamentável e mantêm-se ao lado da Legalidade até o fim.

Sem que Medeiros o suspeite, Bento Manoel ordena-lhe, como Comandante das Armas, que desloque sua Brigada para a região de Rio Pardo e que mande, na frente, ao seu encontro, Osorio com o 2.º Corpo de Cavalaria. Medeiros, que não sabe ainda da defecção de Bento Manoel, nem conhece suas intenções cumpre a ordem e Osorio parte como lhe foi determinado. Mas, entre Caçapava e Rio Pardo, é informado do que se passa e retorna a Caçapava. Esta localidade, que é um depósito de material bélico da Legalidade, é logo sitiada pelos revolucionários. Osorio consegue romper o cerco com alguns soldados e tomar o rumo de Pôrto Alegre. Poucos dias depois, a 8-4-1837, rende-se ao inimigo a guarnição de Caçapava, comandada pelo Coronel Crisóstomo da Silva.

Em Pôrto Alegre, o 1.º Tenente Osorio é comissionado como Major de Legião e nomeado Comandante da Guarda Presidencial, mas, em fins de 1837, quando assume a Presidência o General Antônio Elziário, suas aptidões são melhor aproveitadas e passa a servir como Major Instrutor da Brigada do Coronel Silva Tavares, no Acampamento de Canudos, no Passo de São Lourenço, na região de Pelotas.

De 1838 a 1842, Osorio permanece com as fôrças de Silva Tavares, em ações de guerra. Seu conceito e sua fama militar cada vez mais se fortalecem no Exército. A 20 de agosto de 1838, é promovido a Capitão do Exército de 1.ª Linha. E, em julho de 1839, o novo Comandante das Armas,

Marechal Manoel Jorge Rodrigues, ao propor ao governo imperial a reorganização do 2.º Corpo de Cavalaria, indica-o para Comandante da 3.ª Companhia.

O Presidente da Província, em 7 de abril de 1841, indica o Capitão Osorio para promoção, nestes termos: "Merece ser Major de 1.ª Linha e a condecoração do Cruzeiro. É Oficial muito bravo, muito leal e subordinado. Dá muitas esperanças e tem instrução". A 27 de maio desse mesmo ano efetua-se a promoção e, em junho, recebe o grau de Cavaleiro da Ordem do Cruzeiro.

Quando Caxias assume a Presidência do Comando das Armas da Província, em novembro de 1842, inaugura-se um período de ação intensa e metódica do lado da Legalidade. Reorganizam-se as forças, aproveitam-se os elementos de maior valor. Age-se rigorosamente pelas armas mas abre-se o caminho da pacificação. O major Emílio Luiz Mallet é aproveitado por Caxias como Deputado do Ajudante General (Chefe de Estado-Maior), junto à 1.ª Divisão.

No Comando do 2.º Regimento de Cavalaria de 1.ª Linha, agora reorganizado, com maior efetivo, o Major Osorio, nos anos de 1843 e 1844, toma parte em ações de guerra com tal desempenho e valor que chama a atenção do Barão de Caxias. Protege as remontas do Exército, acumuladas no Rincão dos Touros; conduz e guarda, em terreno infestado de inimigos, um longo comboio de armas e munições e outros apetrechos bélicos, do pôrto do Rio

Grande ao arroio Candiota, onde acampa o grosso das forças legalistas; toma, ainda, parte na coluna que, comandada pelo próprio Caxias, obriga o chefe Canabarro a transpor a fronteira.

Em julho de 1844, Osorio é promovido a Tenente-Coronel, para o mesmo 2.º Regimento de Cavalaria cujo conceito de unidade modelar cada vez mais se firma.

Nos anos de 1842, 1843 e 1844, as valorosas tropas farroupilhas são acossadas, sem descanso, pelas forças legais, que agem na região de Alegrete, sob o Comando de Bento Manoel Ribeiro, agora de volta à Legalidade, e do Coronel Antônio de Medeiros Costa que morre em Campanha.

Em 1845, Caxias oferece a paz aos rebeldes e encarrega Osorio de estabelecer ligação direta com eles. Osorio sai-se muito bem dessa missão. Bento Gonçalves nomeia seu representante nas negociações ao Major Ismael Soares, familiar de Osorio. Enfim, com a boa vontade de Caxias e dos generais da Revolução, Bento Gonçalves, Canabarro, Souza Netto e João Antônio da Silveira, a paz é firmada a 25 de fevereiro de 1845, em Ponche-Verde, na região de Bagé.

Durante o decênio farroupilha, o nome de Osorio adquirira tal reputação que, daí em diante, os altos chefes militares lembrar-se-ão sempre dêle para as missões que demandarem tato, energia e coragem.

Pacificada a Província, o Tenente-Coronel Osorio volta para Bagé, no comando do 2.º Regi-

mento de Cavalaria de 1^a Linha. Em janeiro de 1846, o jovem D. Pedro II, decidira visitar o Rio Grande do Sul. Sua intenção é consolidar a paz, selar a anistia com a visita imperial. Osorio fica incumbido, com o seu Regimento, de escoltar a comitiva do Imperador, de Cachoeira a São Gabriel, ida e volta, através da Campanha, aonde estão ainda quentes as cinzas da Revolução.

Em 1851, as estreitas relações entre Rosas e Oribe, e as reiteradas agressões que este último vem praticando contra a propriedade e os bens dos brasileiros residentes no Uruguai, levam o Brasil à guerra contra os nossos vizinhos do Prata. Caxias é nomeado Comandante-Chefe do Exército em operações que se organiza no Rio Grande do Sul. Este Exército avança para Montevidéu, pelo vale do rio Negro, no inverno de 1851.

De Montevidéu, Caxias destaca como vanguarda, para fazer junção com as tropas de Urquiza, a 1^a Divisão do Brigadeiro Marques de Souza, da qual faz parte o Tenente-Coronel Osorio com o 2^o Regimento de Cavalaria Ligeira, 3.000 homens de Infantaria e duas baterias de Artilharia do 1^o Regimento de Artilharia a Cavalo. Em Monte-Caseros, a 3 de fevereiro de 1852, as tropas aliadas impõe tremenda derrota ao Exército de Rosas, que foge do campo de batalha.

O papel de Osorio, com o seu Regimento, em Monte-Caseros, pode ser resumido no que diz a Ordem do Dia do Brigadeiro Marques de Souza: "foi parte nas manobras rápidas e ousadas da

Cavalaria; dirigiu seus camara-das em tôdas as cargas heróicas, e por fim, marchou a trote contra uma bateria inimiga de cinco bôcas de fogo e a tomou". Promovido a Coronel a 3-3-1853, Osorio é também elevado a Dignitário da Imperial Ordem do Cruzeiro.

Terminada a guerra, o Coronel Osorio recolhe-se a Jaguarão, com o 2^o Regimento de Cavalaria Ligeira, mas, em 1856, vai comandar a Fronteira das Missões, em São Borja, para onde segue, também, o seu querido Regimento. A 2 de dezembro desse mesmo ano é graduado no posto de Brigadeiro.

Em 1858, rebenta no Uruguai nova revolução entre os Partidos Blanco e Colorado. Ambos os contendores devastam a campanha. Osorio é nomeado Comandante da Fronteira do Jaguarão, mais próxima desses acontecimentos que lhe cumpria observar e informar o governo. No ano seguinte, vai ao Rio de Janeiro inspecionar o 1^o Regimento de Cavalaria Ligeira e, já efetivado no posto de Brigadeiro, retorna ao seu Comando da Fronteira do Jaguarão.

O Governo Imperial, premido pelas reclamações dos brasileiros perseguidos pelo governo dos Blancos, decide-se a intervir no Uruguai, por solicitação do General Venâncio Flôres. Em 1864, sob as ordens do Marechal João Propício Mena Barreto, reúne-se, no Pirai-Grande, um Exército de duas Divisões, comandadas pelos Brigadeiros Manoel Luís Osorio e José Luiz Mena Barreto, com um

déu, não eram mais de 9.000 homens com 12 peças de Artilharia, estavam em forma com um efetivo de 17.000 homens e 32 peças, bem uniformizados e equipados, em condições de entrarem em campanha.

O Exército Brasileiro continua, após, suas longas marchas, através do território correntino, em direção ao Passo da Pátria, na margem esquerda do Paraná. Em princípio de outubro chega ao Mocoretá, afluente do Uruguai. E, em fins de março de 1866, alcança o Passo da Pátria e extende seu acampamento ao longo das barrancas do rio.

Ocupada a ilha da Redenção, onde perdeu a vida o valoroso Tenente-Coronel Willagrand Cabrita, é resolvida a imediata travessia do rio. As tropas brasileiras é cometido desembarcar em primeiro lugar em solo inimigo.

Na noite de 15 de abril começa a travessia do rio. Na manhã de 16, Osorio à frente de um piquete de Cavalaria é o primeiro a tomar pé em terra paraguai, dirigindo pessoalmente o primeiro reconhecimento. Logo em seguida desembarcam o Batalhão de Infantaria ao mando do Major Manoel Deodoro da Fonseca e 8 bôcas de fogo com o Tenente-Coronel Mallet à frente. Estes elementos, com outros logo desembarcados da Divisão Argôlo, constituem uma vanguarda, sob o comando direto de Osorio, que derrotam o inimigo no combate da Confluência, a 16 e 17 de abril. Fica assim, estabelecida uma cabeça-de-praia para acolher o desembarque do restante do Exército Aliado.

Além do Passo da Pátria, no caminho de Humaitá, encontram-se dois importantes obstáculos: os esteros Bellaco e Rojas. Os Aliados iniciam o movimento em direção ao inimigo no dia 18 de abril de 1866, precedidos de uma vanguarda constituída da 3ª Divisão de Sampaio e da Artilharia de Mallet. No dia 20, essa vanguarda é substituída pelo Exército uruguai do General Flores, reforçado por uma Brigada de Infantaria e uma bateria de Artilharia brasileiras.

A 2 de maio, no Estero Bellaco, essa vanguarda é surpreendida e recalcada pelo inimigo, que surge de surpresa dos bosques que circundam o acampamento. Osório intervém no combate, restaura a ordem e leva o inimigo de vencida.

Do Estero Bellaco os Aliados marcham para Tuiuti, onde acampam escalonados em profundidade, com um efetivo total de 32.000 homens.

Pouco antes do meio-dia de 24 de maio de 1866, irrompe de surpresa, um violento ataque de 25.000 paraguaios. Dos matos em frente, no flanco esquerdo, surgem os esquadrões de Cavalaria de Diaz seguidos de perto por 9 batalhões de Infantaria.

Entretanto, Mallet está vigilante, colocado na vanguarda de centro de dispositivo aliado. Os seus 28 canhões raiados, protegidos por largo e profundo fôsso, rompem intenso fogo de flanco contra os atacantes, causando-lhes sérias baixas. Diante disso, a Cavalaria paraguai, mudando de direção, passa a atacar diretamente a Artilharia, mas as suas

sucessivas cargas vão sendo dizimadas pelo violento e contínuo fogo dos canhões de Mallet, que exclama em altos brados: — "Por aqui não entram!"

Entrementes, a Infantaria de Diaz, em ondas sucessivas, avança pela nossa esquerda, recalcando a vanguarda do Exército uruguai. A 3ª Divisão de Sampaio, colocada mais à retaguarda, intervém na refrega e consegue repelir o inimigo. Mas este retorna com maior efetivo, em vigoroso contra-ataque. A 3ª Divisão é obrigada a recuar, para se recompor, disputando o terreno — palmo a palmo. O Brigadeiro Sampaio recebe três ferimentos mortais e é retirado do campo de batalha.

A situação do flanco esquerdo torna-se muito grave. O inimigo vai cada vez alargando mais a brecha. Nesse momento difícil, Mallet manda informar Osório do que ocorre e este, que também havia notado o perigo, faz avançar o general Argôlo com uma Brigada da 4ª Divisão, que detém o avanço do inimigo. Com a outra Brigada, Osório pessoalmente repele uma forte coluna que desemboca da mata.

A direita da Artilharia de Mallet o inimigo ataca a Divisão de Vitorino Monteiro mas é repelido com grandes baixas.

"Dêsse modo" — diz Tasso Fragoso — "a frente do 1º escalão assume consistência excepcional: à direita de Mallet nada a pode romper; à esquerda, os contra-ataques de Sampaio, Argôlo e Guilherme de Souza e dos orientais comandados por Flores e

Osório, levam de roldão e expulsam os atacantes, frustrando-lhe o plano de penetrarem vitoriosos no meio de nosso dispositivo".

Enquanto tais fatos desenrolam-se no centro e nos flancos esquerdo e direito dos brasileiros, Barrios irrompe o seu ataque pelo Potreiro Pires, procurando atingir a nossa retaguarda. Osório, que está ativo em toda parte, galopando ao longo da linha de batalha, lança a Divisão de Cavalaria (a pé) de José Luiz Mena Barreto, reforçada por outras Unidades, que repelem o ataque de Barrios.

Na extrema direita, vários Regimentos de Cavalaria e Batalhões de Infantaria inimigos atacam os argentinos, na tentativa de desbordar o flanco, mas são repelidos pelas tropas de Paunero, Emílio Mitre e Hornos.

O ataque de surpresa dos paraguaios, em Tuiuti, fracassa, assim, em toda a frente. Quando Osório, já vitorioso em seu setor, corre em socorro dos argentinos, é recebido com entusiásticas aclamações, mas a vitória já está também aí assegurada.

Do efetivo paraguaio que nos atacou, metade ficou morto ou ferido, ou seja, cerca de 12.500 homens; as nossas perdas somaram 4.000 homens fora de combate.

A 15 de julho de 1866, Osório entrega o Comando do Exército Brasileiro em operações ao General Polidoro e recolhe-se ao Rio Grande do Sul para tratar de sua saúde. Para substituí-lo, o Governo Imperial nomeia o

Marquês de Caxias Comandante-Chefe das forças de terra e mar no Paraguai. Assumindo o Comando a 18-11-1866, o primeiro cuidado do novo Comandante-Chefe foi a preparação do Exército para as próximas operações ofensivas. O general Osório, de volta do campo da luta, trouxe consigo o 3º Corpo de Exército que organizara no Rio Grande do Sul, com o efetivo de 4.784 homens.

Com o Comando Supremo em suas mãos, pela retirada de Mitre para a Argentina, Caxias inicia as operações ofensivas. Em fins de julho de 1867, Osório empreende, com o 3º Corpo de Exército, a marcha do flanco de Tuiuti a Tuiu-Cué, que contorna as posições inimigas pela esquerda. A vanguarda é feita pelas Divisões de Cavalaria de Andrade Neves e José Luiz Mena Barreto. O Coronel Emílio Luiz Mallet, agora Comandante da Artilharia dos 1.º e 3.º Corpos de Exército, acompanha Osório na marcha.

A 16 de julho de 1868, informado de que a guarnição de Humaitá prepara-se para a fuga, Caxias ordena a Osório um reconhecimento a viva força na frente do 3º Corpo de Exército. Mallet coloca em posição conveniente a pouca Artilharia de que dispõe e bombardeia com fogos cruzados e de frente o recinto da Fortaleza. Osório avança pessoalmente com uma Brigada de Infantaria e um Batalhão de Engenharia até junto à contra-escarpa do fôsso do quadrilátero, com o apoio dos fogos do restante da Infantaria e do bombardeio da Artilharia.

Em vista da tenaz resistência da Fortaleza, considerada inexpugnável, e o elevado número de baixas que já sofrera Osório retrai-se para as posições de partida, uma vez que já havia sido cumprida a sua missão.

Receosa de um ataque geral, em tóda a frente, a guarnição de Humaitá abandona a Fortaleza, através do Chaco, poucos dias depois, a 25 de julho.

Ocupada a Fortaleza pelo 2.º Corpo de Exército, Osório marcha a 17-8-1868, na vanguarda do 3º Corpo de Exército, em busca do inimigo. A 1º de outubro defronta-se com as linhas fortificadas do Piquissiri, defendidas por 71 canhões e flanqueadas à direita por matas e brejos e à esquerda pelas baterias de Angostura. Em Ordem do Dia, escreve Caxias: "O Comandante-Chefe agradece ao distinto Sr. Tenente-General Visconde do Herval a maneira por que desempenhou esta operação, demonstrando mais uma vez seu valor e perícia que o tornam saliente entre os bravos dêsse Exército."

Diante da dificuldade de atacar as linhas do Piquissiri pela esquerda, Caxias prepara e executa a judiciosa manobra do Chaco. Para levar a efeito o largo movimento contornado, o 2º Corpo de Exército abre a estrada do Chaco, executada em 23 dias. Concluída a estrada e feita a travessia do rio Paraguai, entre Palmas e Santa Teresa, o Exército marcha por ela com uma massa de manobra de 25.000 homens, até Vileta, na margem do rio, de onde atravessou novamente para Santo Antônio, a coberto dos canhões de Angostura.

Para fixar a linha do Piquissiri e guardar essa base de operações, em Palmas ficou um efetivo de 10.600 homens, sob o comando do Brigadeiro Paranhos, com uma Brigada de Infantaria e do Coronel Mallet, já comandante da Artilharia dos três Corpos de Exército que, depois de repartir a Arma para a operação, aí fica com um Corpo de Artilharia a Cavalo e uma seção de pontões de borracha.

Terminado o desembarque de nossas tropas, na retaguarda das posições inimigas, são procedidos os reconhecimentos necessários. O Exército inimigo dividira-se em duas partes: tropas que guardavam o Piquissiri, Angostura e Lomas Valentinas, e uma reserva móvel de 8.800 homens que vai nos enfrentar em Itororó e Avaí.

No arroio Itororó, a vanguarda depara com forte cabeça-de-ponte de difícil transposição. O 1º ataque de Infantaria é repelido. Caxias, põe-se, então, à frente do 2º ataque que, desta vez, é vitorioso. O inimigo recua e vai reorganizar-se mais à retaguarda. Enquanto isto, Osório com o 3º Corpo de Exército executa um longo movimento de flanco para atingir a retaguarda dos retirantes.

Cabalero, com os reforços que recebera, tenta nos embargar o passo, agora no arroio Avaí, Osório, com o 3º Corpo de Exército ataca-o frontalmente, pelos flancos e retaguarda. "A nossa Artilharia — informa Dionísio — troando nas alturas, abria avenidas nas colunas inimigas." Envolvidos por todos os lados, os

quadrados de Cabalero são rompidos e aniquilados pelas épicas cargas conduzidas por Osório, Andrade Neves, João Manuel Mena Barreto e Câmara.

Já a batalha estava ganha e o inimigo fugia precipitadamente, quando Osório tem o rosto varado por uma bala inimiga. Ao retirar-se do campo de batalha manda que seu famoso carro, bem conhecido de todos, com sua escolta habitual, percorra as linhas, vazio! Caxias avisado logo, de seu ferimento, assume o controle imediato do campo de batalha, Osório, gravemente ferido, deixa o teatro da guerra e segue para o Rio Grande, a fim de tratar-se no seio da família.

Em 1869, com a tomada de Assunção, Caxias deixa o Comando-Chefe do Exército em operação no Paraguai. Vem substituí-lo o Marechal Conde d'Eu, genro do Imperador. Osório é convidado, inconsistentemente a vir comandar o 1º Corpo de Exército. Por sua experiência e prestígio, a sua colaboração junto ao jovem Príncipe é indispensável.

O patriotismo do velho lidor não o deixa vacilar e, apesar do estado precário de sua saúde, dirige-se novamente aos campos de batalha.

As 2 horas da tarde de 6 de junho de 1869, Osório chega à estação de Piraju, pela via férrea que parte de Assunção. Espera-o o Conde d'Eu com sua comitiva e todo o 1º Corpo de Exército.

"O que então se passa", escreve um autor, "é indescritível. Quando aparece sua figura leo-

nina destacando-se da numerosa comitiva do Príncipe, que o cerca, irrompem na tropa manifestações de um entusiasmo incrível. O Conde discretamente se afasta e deixa correr a indisciplina, na torrente irresistível da ovação espontânea, imprevista, não protocolar, que irrompe incontida e que cousa alguma poderia deter."

As forças brasileiras, num total de 18.340 homens acampam desde Assunção até a vila de Luque, reconstituídas em 2 Corpos, sob os Comandos de Osório e Pollidoro. A Artilharia, centralizada num Comando Geral, diretamente subordinada ao Comandante-Chefe, continua sob o comando do Brigadeiro Emílio Luiz Mallet.

Da nova base de operações em Piraju, foram enviadas expedições e reconhecimentos, a fim de conhecer da situação do inimigo e iludi-lo quanto à idéia de manobra do Comando.

Com as forças reorganizadas em Cerro Leon, já reduzidas a cerca de 12.000 homens, Lopez dispôs-se a resistir na região das Cordilheiras. Estabeleceu o grosso de seu Exército no desfiladeiro de Ascurra e estendeu a sua linha principal de resistência desde o desfiladeiro de Atirá, à direita, até a capital provisória de Peribebuí, à esquerda.

Diante da dificuldade de atacá-lo de frente, o Conde d'Eu resolve manobrar pela esquerda, em direção a Peribebuí, a fim de atingir a retaguarda do inimigo e cortar as suas linhas de retirada.

Osório marcha na vanguarda, com o 1º Corpo de Exército, na

direção das Cordilheiras. Acampa defronte ao desfiladeiro de Sapucaí, defendido por quatro batalhões e uma bateria de artilharia, que barram a estrada com seus fogos. Para desbordar essa posição, são abertas duas picadas nas cerradas matas laterais, que vão ter à sua retaguarda. Enquanto prossegue êsse trabalho, Mallet, que acompanha o 1º Corpo de Exército, instala uma bateria em frente ao desfiladeiro e contrabate a do inimigo, conseguindo fixá-lo. Na manhã do dia 5, Mallet penetra pela picada da direita, com uma Brigada de Infantaria e 4 bôcas de fogo; pela esquerda avança a Divisão uruguai da general Castro. Na iminência de serem envolvidos, os paraguaios abandonam a posição, retirando-se para Valenzuela.

Os dois Corpos de Exército deslocam-se para Valenzuela, que encontram abandonada. E, no dia 10 de agosto acampam diante de Peribebuí, dispondo-se a atacá-la. A cidade acha-se fortificada por um entrancheamento poligonal e defendida por 18 bôcas de fogo e uma guarnição de 2.000 homens, sob as ordens de Cabalero, o mais hábil general paraguaio.

As 6,30 horas da manhã, Mallet centraliza pessoalmente em frente a Peribebuí 50 canhões em posição dominante e bombardeia durante duas horas os entrancheamentos e o recinto da cidade. As 8,30, Osório avança em duas colunas, êle próprio no comando da que opera à direita. E, em poucas horas de combate corpo a corpo a cidade é tomada

e ocupada, a 12 de agosto de 1869.

Depois da vitória de Peribebuí, a moléstia de Osório agravou-se. A 23 de novembro, o Diário do Exército registra a aquiescência do Príncipe a que se retire do teatro de operações para ir tratar-se em sua Província natal. Em 30 do mesmo mês, Osório é desligado do Exército, nestes termos: "O mais ilustre, como o mais benemérito dos lidadores desta guerra, a quem a Pátria deve o ter vindo ainda não curado de um glorioso ferimento a este campo, que já tanto tinham ilustrado seus altos feitos, prestar-me o inapreciável auxílio de sua experiência e talento militar, novamente expor à metralha sua importante vida com inexcedível abnegação, persistindo, enquanto suas forças lhe permitiram, com perseverança sem igual, na tarefa que nos está imposta."

Osório retorna a sua Província natal aureolado de glórias. A 29 de dezembro de 1869 é elevado à dignidade de Marquês do Herval e, logo depois, graduado em Marechal-de-Exército. Em 1877, o Imperador o escolhe, em lista tríplice, para Senador do Império pelo Rio Grande do Sul. E, em 5 de janeiro de 1878, passou a

integrar o Gabinete Liberal do Visconde de Sinimbu, que lhe confiou a Pasta da Guerra.

Nestas duas últimas funções políticas, no Senado e na Pasta da Guerra, OSORIO como o Marechal Câmara, Visconde de Pelotas, pleitearam com afinco pela consecução dos grandes empreendimentos de ordem econômica e militar na fronteira do Brasil com o Prata: as linhas telegráficas e as estradas de ferro, providências estas que vieram acautelar a integridade da soberania nacional no território militarmente mais importante do Império, no século XIX.

Foi na função de Ministro da Guerra que o grande lidador que foi MANOEL LUÍS OSÓRIO, Marechal-de-Exército, Marquês do Herval, Grã-Cruz das Ordens de São Bento de Aviz, de Cristo e do Cruzeiro, faleceu na cidade do Rio de Janeiro, a 4 de outubro de 1879. O grande soldado, um dos filhos mais ilustres do Brasil e do Rio Grande do Sul, acha-se sepultado na cripta da belíssima estátua eqüestre que o Povo Brasileiro lhe ergueu na cidade onde encerrou sua gloriosa existência.

Rio de Janeiro, 15 de abril de 1970.

PATRONO DA ARMA DE CAVALARIA**OSORIO**

SAMPAIO, PATRONO DA INFANTARIA

A Infantaria Brasileira orgulha-se de ostentar como Patrono, o Brigadeiro Antônio de Sampaio, o mais bravo, tenaz e valoroso Infante do antigo Exército Imperial. Sua carreira militar, de simples furriel a Brigadeiro do Império, foi uma constante e gloriosa escalada nas fileiras compactas da Rainha das Armas.

De origem modesta, nascido nos sertões do Nordeste sofrido, Antônio de Sampaio simboliza, também, as raízes democráticas de nossas Forças Armadas, que se inserem no solo sagrado da Pátria, no cerne da nacionalidade. Foi o chefe exemplar das grandes massas e combatentes, recrutados no seio do povo.

Nascido a 24 de maio de 1810, na povoação de Tamboril, no Ceará, Antônio de Sampaio, ao completar 20 anos, em 1830, assenta praça no Batalhão de Infantaria sediado no Forte, depois cidade de Fortaleza, capital de sua Província natal. Promovido a furriel, em 1831, já no ano seguinte entra em combate, no encontro de Icó, a 4 de abril de 1832, quando foram destroçadas as forças do Coronel Pinto Madeira, que se rebelara como protesto pela abdicação que julgava ter sido imposta a D. Pedro I. Participou, depois, também como comandante de fração elemental de sua Arma, da expedição que atacou e tomou Turiaçu, em 10 de outubro de 1835, na repressão da revolta conhecida como "Cabanagem", no Pará.

A atuação, brava e eficiente, do jovem furriel, nessas expedições de manutenção da ordem interna, chamou a atenção de seus superiores hierárquicos. A 20 de maio de 1839, por ato do Presidente da Província, foi nomeado Alferes em Comissão, sendo logo efetivado Por Decreto Imperial. A seguir, vemo-lo lutar novamente, com a mesma bravura e denôdo, no Maranhão, na "Balaiada", quando Caxias submeteu os rebeldes e pacificou a Província. De 1839 a 1841, o Alferes Antônio de Sampaio, em 36 ações de guerra, conduziu pessoalmente ao combate pelotões e companhias de Infantaria. Em fins de 1841, retorna com seu Batalhão para Fortaleza.

A 11 de setembro de 1843, foi promovido a Capitão, em recompensa aos bons serviços que prestara no Maranhão. Dotado de clara inteligência, hábil no comando e destro no manejo das armas, Sampaio dedica-se agora, como autodidata, ao aperfeiçoamento de sua cultura geral e profissional, que o credenciará a ascender na carreira para a qual se acha tão altamente dotado.

A 5 de maio de 1844, Sampaio é nomeado Ajudante-de-Ordens do Comandante das Armas e, logo após, colocado à disposição do Presidente da Província, que encontra nêle um prestimoso auxiliar de sua administração.

A 6 de novembro de 1844, o Capitão Sampaio expedicionou para o Rio Grande do Sul, para

servir no Exército sob o comando do Barão de Caxias, em operações contra os rebeldes faropillhas. Após a pacificação, ficou destacado na Província, no comando de um Contingente que garnecia a vila de Cangussú. A 22 de novembro de 1850, foi chamado à Capital do Império e dai segue para Pernambuco, com o 5º Batalhão de Infantaria, que foi restabelecer a ordem perturbada nessa parte do país.

De regresso à Corte, expedicionou para o Rio Grande do Sul, com o 2º Batalhão de Infantaria, em vista a grave situação que o Império atravessava com as Repúlicas do Prata. Logo, a sua capacidade profissional foi aproveitada, como Instrutor de sua Arma. A 3 de fevereiro de 1851, é nomeado para as funções de Major da 4ª Brigada de Infantaria, com a qual marcha, integrando no Exército do Sul, sob o comando de Caxias, com destino a Montevidéu, na Campanha contra Rosas.

Desejoso de entrar em ação, na primeira oportunidade, o Capitão Sampaio, como adido ao 7º Batalhão de Infantaria, atravessa o Paraná, com a Divisão do Brigadeiro Manoel Marques de Souza. E, no dia 3 de fevereiro de 1852, toma parte na Batalha de Monte-Caseros, nas cercanias de Buenos Aires, quando as nossas tropas, juntamente com as de Urquiza, derrotaram o Exército de Rosas. Retornou a Montevidéu e, a 11 de março do mesmo ano, passou a exercer novamente as funções de Instrutor, desta vez como Major da 3ª Brigada de Infantaria, até

a dissolução da mesma, pelo término da guerra.

A 29 de junho de 1852, foi promovido a Major, por merecimento, e passa a comandar o 4º Batalhão de Infantaria e a guarnição da vila de Caçapava, no Rio Grande do Sul. Nesta altura de sua carreira, acentuam-se as suas excepcionais qualidades de chefe. Todas as suas promoções, como Oficial Superior, passam a ser pelo princípio do merecimento, após ações de combate e de campanha, no comando de batalhões e de brigadas de Infantaria, de cuja tática é profundo conhecedor, em todos os seus escalões. Recebe os gráus de Oficial da Ordem da Rosa e de Cavaleiro da Ordem de São Bento de Aviz.

Inteligente e arguto, Antônio de Sampaio possui profundo conhecimento da natureza física e psicológica do Infante Brasileiro, de cujo convívio partilhava, assistindo-o assiduamente, com seu conselho e sua justiça. Exercia sobre os seus soldados aquélle magnetismo, aquela ação catalizadora e hipnótica que caracterizam os grandes e autênticos líderes.

A 3 de dezembro de 1853, o major Antônio de Sampaio seguiu com o 4º Batalhão de Infantaria para o Acampamento do Piraí-Grande, onde se concentrava a Divisão de Observação, sob o comando do Brigadeiro Pereira Pinto. Esta Divisão, com o nome de Divisão Auxiliadora, penetrou no Uruguai, em março de 1854 e marchou para Montevidéu, a chamado do general Venâncio Flores a fim de ajudar os uruguaios a restabelecer a ordem na

vizinha república. Em dezembro de 1855, retorna o seu Batalhão para o Pirai-Grande, com a mesma Divisão, que retomou o nome de Divisão de Observação.

Promovido a Tenente-Coronel por merecimento, a 2 de dezembro de 1855, assume o comando do 6º Batalhão de Infantaria e da Guarda de Bajé, onde permanece por mais de três anos consecutivos. A 15 de abril de 1859, Antônio de Sampaio foi chamado ao Rio de Janeiro para comandar o Corpo Policial da Corte, cargo que desempenhou por 7 meses, e do qual pede demissão e retorna ao Rio Grande do Sul, onde contraíra matrimônio e se achava ambientado. O Imperador, nessa oportunidade, mandou louvá-lo pela maneira satisfatória como desempenhou essas funções, correspondendo à confiança do governo.

A 16 de dezembro de 1859, reassumiu o comando do 6º Batalhão de Infantaria. Em 1861, foi Comandante interino da 2ª Brigada de Infantaria, da Guarda e Fronteira de Bagé.

Promovido a Coronel, a 2 de dezembro de 1861, continuou no comando do 6º Batalhão de Infantaria, em Bagé e depois passou a comandar a 5ª Brigada de Infantaria.

Os reiterados atentados contra a propriedade e a pessoa de brasileiros residentes no Uruguai, levaram o Império a intervir na vizinha República, apoiando o General Venâncio Flores contra o governo despótico de Aguirre. Dando início à Campanha, o Ma-

rechal-de-Campo João Propício Mena Barreto concentra o Exército do Sul no Pirai-Grande, formando duas Divisões.

Da 1ª Divisão, sob o comando do Brigadeiro Manoel Luís Osório, fazia parte a 3ª Brigada de Infantaria, comandada pelo Coronel Antônio de Sampaio e constituída de 3 batalhões, o 4º, o 6º e o 12º, com o efetivo total de 1.200 homens.

A Cavalaria estava quase toda concentrada na 2ª Divisão, do comando do Brigadeiro José Luiz Mena Barreto. A Artilharia, constituída do 1º Regimento de Artilharia a Cavalo, comandada pelo Tenente-Coronel Mallet, estava diretamente subordinada ao Comando-Chefe.

O Exército do Sul levanta acampamento do Pirai-Grande em fins de novembro de 1864 e, no dia 2 do mês seguinte transpõe a fronteira com o Uruguai. A 29 de dezembro, chega em frente a Paissandu. O dia 30 seguinte é empregado por Mallet no reconhecimento do terreno e escolha das posições da Artilharia para bombardeio da cidade. Aí começa a mais estreita ligação e cooperação entre a Infantaria e a Artilharia. Sampaio coloca a disposição de Mallet o 4º Batalhão de Infantaria para proteção imediata dos canhões.

As 2 horas da madrugada de 31, na escuridão da noite, o inimigo empreende um golpe de mão contra nossas baterias, mas os infantes de Sampaio que as protegem, repelem o ataque.

As 4 horas e 20 minutos da manhã começa um bombardeio

enérgico, de parte a parte, que dura 52 horas consecutivas. As 10 horas da manhã, a Brigada de Sampaio avança em coluna cerrada, ao passo de carga, ao som dos clarins e rufos de tambor, mau grado o vivíssimo fogo dos sitiados que haviam transformado cada casa num fortim, de cujas janelas e sotéas caía sobre os assaltantes um chuveiro de balas. As casas são tomadas, uma a uma, por nossos infantes. Os sitiados vão se retirando para as trincheiras da Praça da Matriz, transformada em reduto central. Era preciso ir até lá, mas a artilharia inimiga, ali assentada, varria as ruas que lhe davam acesso, tornando-as intransitáveis. Para contrabatê-la Mallet faz avançar dois canhões que neutralizam, com suas certeiras pontaria, as baterias inimigas.

O ano de 1865 desponta no auge da peleja em Paissandu. Ao anoitecer de 1º de janeiro mais algumas posições tinham sido conquistadas, enquanto diminuia o vigor da fuzilaria e do canhonei inimigos. Ao amanhecer do dia 2 os bravos Infantes de Sampaio alcançam o Reduto Central. Porém, quando vão assaltá-lo, tremula no ar a bandeira branca da rendição. Paissandu submetia-se ao arrôjo e à tenacidade da Infantaria Brasileira.

De Paissandu, a 3ª Brigada de Infantaria, do Coronel Antônio de Sampaio, embarca em navios da Esquadra, segue para Montevidéu, de cujo sitio participa. A cidade acha-se guarnecidada por 4.000 homens e 40 bôcas de fogo. Mas, em virtude do Acôrdo de 20

de fevereiro de 1865, as tropas imperiais ocupam pacificamente a cidade.

Dois dias após, a 22, a Brigada de Sampaio entra, de manhã cedo, na Capital uruguaia, ao rufar dos tambores. Brilhando ao sol, uma torrente de ponteagudas baionetas: três batalhões de veteranos, gente ágil e decidida, experimentada na guerra, no corpo-a-corpo a arma branca. Atravessam tôda a cidade e foram aquartelar na Caserna de Basterrica e no Forte de São José. No dia seguinte, 23, os Cavalarianos de Osorio e os Artilheiros de Mallet fazem também sua entrada triunfal na cidade ocupada.

O Governo Imperial, em atenção aos altos serviços prestados pelo Coronel Antônio de Sampaio nessa Campanha, por decreto de 18 de fevereiro de 1865 promove-o ao posto de Brigadeiro e o condecora com o Oficialato da Ordem do Cruzeiro.

Com a declaração de guerra do Império contra Solano Lopez, ditador paraguaio, que invadira nossas fronteiras, em Mato-Grosso e no Rio Grande do Sul, o 1º Corpo de Exército, estacionado em Montevidéu, sob o comando do Brigadeiro Manoel Luis Osorio, que substituira Mena Barreto, recebe novos contingentes de tropas. Os batalhões de Infantaria, que vêm chegando, são quase todos de recrutas, que jamais receberam instrução militar. Procedem das Províncias do Centro, do Norte e do Nordeste do Império. Osorio designa o Brigadeiro Antônio de Sampaio Inspetor-Chefe dessa Arma. Dá-lhe tôda

autoridade e autonomia para instruir, distribuir e modelar essa Infantaria como seu grande instrutor.

A 27 de abril de 1865, o 1º Corpo de Exército, que tem por missão invadir o território paraguaio, inicia sua mudança de acampamento de Montevidéu para a região de Paissandu. O Brigadeiro Sampaio comanda o 1º Escalão desse deslocamento com o transporte marítimo de 3.200 homens de Infantaria e algumas baterias de Mallet.

Em 1º de outubro de 1865, nas margens do Mocoretá, Antônio de Sampaio já tem organizada, sob seu comando, a 3ª Divisão de Infantaria, com 2.703 homens. E, em 1º de março do ano seguinte, essa Divisão já conta com o efetivo total de 4.406 homens, organizados em duas Brigadas.

O Brigadeiro Sampaio, com a 3ª Divisão, vai proteger a operação de transposição do Paraná, da vanguarda aliada, até consolidar a cabeça-de-praia no território inimigo. Depois, ela mesma transpõe esse rio, em embarcações da Esquadra, no dia 15 de abril.

A 17 de abril, batalhões de Sampaio, apoiados por uma bateria de Mallet, recalcam as forças paraguaias no Combate da Confluência. Lopez bate em retirada para o Norte, abandonando o Passo da Pátria. A 3ª Divisão de Infantaria, seguida do 1º Regimento de Artilharia a Cavalo, com seus 28 canhões La-Hitte, marcham na vanguarda do Exército Aliado. Entretanto, a

20 de abril, essa vanguarda é substituída pelo Exército uruguai, auxiliado por uma Brigada brasileira e uma bateria de 4 canhões. Essa nova vanguarda é surpreendida no dia 2 de maio, em Estero Bellaco, e forçada a retrair-se. Mas Osorio acorre em seu auxílio, com novas forças, derrotando o inimigo e obrigando-o à retirada.

O Exército Aliado desloca-se para Tuiuti, onde acampa em profundidade, por imposição do terreno estreito. No centro do dispositivo, os 28 canhões do 1º Regimento de Artilharia a Cavalo, comandado por Mallet, e protegidos por largo e profundo fôsso. A esquerda, as tropas uruguaias e a 3ª Divisão de Sampaio.

As 11,55 horas do dia 24 de maio, quando a vanguarda preparam-se para fazer um reconhecimento, o acampamento aliado é surpreendido por um ataque maciço do Exército paraguaio. A Artilharia brasileira, porém, está vigilante. Mallet detém com os seus fogos a Cavalaria inimiga que a investe em 20 cargas sucessivas. Enquanto isto, Diaz, com 9 batalhões de Infantaria, ataca de surpresa o flanco esquerdo do 1º escalão, tentando penetrar no seio do dispositivo Aliado. As tropas uruguaias retrocedem. Mas Sampaio, com a 3ª Divisão, contra-ataca fazendo frente à esquerda, com os batalhões da 7ª Brigada, que ele reforça com um dos batalhões da 5ª. Dos três batalhões restantes desta última Brigada, manda dois para a esquerda da

bateria uruguaia a fim de a proteger.

A luta sustentada pela 7ª Brigada, a frente da qual se encontra Sampaio, cavalcando à testa dos batalhões, assume aspecto titânico. O inimigo recua até a mata, mas, com superioridade numérica, contra-ataca com redobrado furor. Nessa ocasião, o valente Brigadeiro recebe o 1º ferimento. Em seguida, vem o 2º ferimento, tão grave quanto o 1º.

Osorio, confiante na resistência de Sampaio e de Mallet, envia-lhes um seu Ajudante, com a ordem de resistirem a todo custo. Sampaio recebe-o coberto de poeira, suor e sangue: — “Capitão, diga ao Marechal Osorio que estou cumprindo meu dever, mas como já perdi muito sangue, seria conveniente que me mandasse substituir!” E, quando o Ajudante-de-Ordens ia retirar-se, recebe Sampaio o terceiro ferimento, e tem ainda tempo de pronunciar estas palavras: “Diga ao Marechal que este é o terceiro!”.

Depois da retirada de Sampaio, mortalmente ferido, do campo de batalha, a situação do flanco es-

querdo torna-se extremamente grave. Osorio faz avançar uma Brigada da 1ª Divisão, comandada pelo General Argolo. A Infantaria Brasileira, reforçada e desdobrada, detém a investida de Diaz. Osorio vai depois ao flanco direito, onde é repelido também o avanço inimigo.

O Brigadeiro Antônio de Sampaio foi transportado de Corrientes para Buenos Aires, no vapor “Eponina”. Faleceu a bordo, a 6 de julho de 1866. Seu corpo, conduzido para a Capital argentina, foi supultado no dia 8, com solenes exéquias. O Governo Imperial, mais tarde, providenciou a trasladação dos seus restos mortais para o Rio de Janeiro, onde chegaram a 20 de dezembro de 1869 e foram recolhidos ao Asilo dos Inválidos da Pátria. Em 1871, foram levados para a cidade de Fortaleza, onde repousam no mausoléu erguido no cemitério de São João Batista, como homenagem ao inclito Brigadeiro do Império, glória da Infantaria Brasileira, que culminou sua vida de Infante e de Chefe com o supremo sacrifício nos campos de batalha.

PATRONO DA ARMA DE INFANTARIA



SAMPAIO

MALLET, PATRONO DA ARTILHARIA

O Marechal-de-Exército Emílio Luiz Mallet, Barão de Itapevy, Patrono da Arma de Artilharia, foi uma singular figura de soldado, pela sua origem, sua integração à nacionalidade brasileira e seus relevantes serviços de guerra ao lado de Caxias e de Osorio, nas lutas internas e externas do Império.

Nascido em França, em Dunkerque, a 10 de junho de 1801, Emilio Luiz Mallet era oriundo de uma velha família da antiga nobreza feudal, cujos ancestrais foram Sires de Graville, na Normândia. Veio para o Brasil, em 1818, em companhia dos pais, Jean Antoine Mallet e Julie-Marie-Joseph Mallet, e de mais quatro irmãos, como emigrados políticos em consequência da dominação napoleônica e da restauração monárquica em França.

Emilio Luiz Mallet, adolescente ainda, transmigrou para o Brasil antes de nossa emancipação política. Contava 17 anos de idade quando desembarcou no Rio de Janeiro, em 1818. Nos próximos anos, até os dias da Independência, período da plena expansão de sua juventude, em que a plasticidade emocional se adapta às vivências do meio ambiente, Mallet passou a considerar o Brasil como sua Pátria adotiva, capaz de realizar os seus mais caros ideais de jovem.

Transcorria o mês de novembro de 1822. D. Pedro I diligenciava organizar o Exército Nacional. Conhecendo pessoalmente Emilio Luiz Mallet, sabedor

de seus precedentes na carreira das armas, convida-o para ingressar nas fileiras do Exército que se formava. Aceitou, jubiloso, Mallet, o convite imperial. E, a 13 de novembro de 1822, jurou Bandeira, na qualidade de 1.º Cadete, em atenção à sua pública e notória nobreza, nas Brigadas de Artilharia a Cavalo da Corte, fundadas por D. João VI, em 1809.

No ano seguinte, matriculou-se na Academia Real Militar, diretamente no Curso de Artilharia, por possuir o curso de humanidades e o de matemáticas superiores da Escola Militar de França. Promovido a 2.º Tenente a 12 de outubro de 1823, por conclusão do curso de Artilharia, Mallet passa a servir, como agregado, na Companhia de Mineiros do Corpo de Artilharia da Corte, prosseguindo, na Academia, o curso de Engenharia Militar que deseja também possuir.

Entretanto, desejoso de praticar o serviço de oficial na Artilharia a Cavalo, onde tivera sua 1.ª praça, obteve sua transferência para essa modalidade de Artilharia de Campanha, de sua acentuada preferência. Nessa oportunidade jura a Constituição do Império.

A 17-2-1825, é promovido a 1.º Tenente, também por estudos, continuando na Academia Real Militar o último ano de Engenharia.

A seguir, Mallet passou a Ajudante do 1.º Corpo de Artilharia

Montada da Côrte, unidade em que se transformaram as antigas Brigadas de Artilharia a Cavalo, pela Organização do Exército Imperial de 1.º-12-1824.

A 16-11-1825, Mallet foi assistir, com o seu comandante, ao embarque marítimo de quatro baterias que seguiam para o Sul, a fim de reforçar o Exército em operações na Campanha Cisplatina. O Imperador, ao inspecionar a tropa que embarcava, desfechou o capitão comandante da 1.ª Bateria e determinou ao 1.º Tenente Mallet, ali presente, que assumisse o comando da mesma.

Com isto, Emílio Luiz Mallet seguiu para o Rio Grande do Sul, onde tomou parte na batalha do Passo do Rosário, a 20-2-1827.

Nessa refrega, teve o seu batismo de fogo e foi o oficial de artilharia que mais se distinguiu no decurso da batalha e na accidentada retirada, pela sua atividade, bravura e sangue frio inalterável. O marquês de Barbacena promoveu-o ao posto de Capitão, no próprio campo de batalha, ato este aprovado por decreto imperial.

Nas operações na fronteira do Jaguarão, contra as tropas de Lavalleja, o Capitão Emílio Luiz Mallet, com uma bateria de 6 canhões, marchou na vanguarda, com a Divisão de Cavalaria comandada pelo Marechal Sebastião Barreto.

No mês de agosto de 1828, acampou nas margens do arroio Candiota, nas proximidades de Bagé. A tropa brasileira vinha, de posição em posição, através

de coxilhas e campos alagados, sofrendo privações e vigílias, sob as intempéries da estação invernal. A chuva e o frio, a lama e o minuano, eram os companheiros constantes de nossos fatigados soldados.

Nas margens do arroio Candiota, o Capitão Mallet encontrou carvão de pedra à flor da terra. Pela primeira vez esse carvão foi empregado, por ele, nas forjas da artilharia, no conserto de chapas de rodado, ferragens e feraduras, bem como no aquecimento dos fogões de seus soldados e dos do 22.º Regimento de Cavalaria de Milícias, do comando do Coronel Antônio de Medeiros Costa, que acampara próximo.

Assinado o tratado de paz, em 1828, o Capitão Mallette contraiu matrimônio com Joaquina Castorina de Medeiros, filha do Coronel Antônio de Medeiros Costa, abastado fazendeiro em Bagé.

Em junho de 1829, recolheu-se ao Rio de Janeiro, mas logo após retorna ao Sul, em comissão de remonta do seu Regimento.

Em 23-5-1830, Mallet requer, de Pôrto Alegre, o seu aproveitamento no Corpo de Artilharia a Cavalo que o governo cogitava de organizar na província. O Marechal Brown, em sua informação ao Ministro da Guerra, diz que "este oficial é muito inteligente, e tem atividade, que muito necessário se faz na formatura e para o serviço de artilharia ligeira".

A necessidade de um Corpo de Artilharia a Cavalo na província

fazia-se sentir desde a Campanha de 1812, quando foi reclamado por D. Diogo de Souza. A Campanha que acabara de findar, ainda mais imperiosa tornara essa exigência.

Sómente a Artilharia a Cavalo, pela sua mobilidade, estava apta a atender em curto prazo, as necessidades de fogos em vários pontos do campo de batalha, bem como acompanhar a Cavalaria, em qualquer terreno, em tôdas as andaduras.

Entretanto, o futuro Corpo de Artilharia a Cavalo do Rio Grande do Sul, com sedes sucessivas em Rio Pardo, Pôrto Alegre e São Gabriel, só foi criado por decreto de 4-5-1831, com pessoal e material do Corpo de Artilharia Montada da Corte, que foi extinto na ocasião.

Portanto, o antigo 1.º Regimento de Artilharia a Cavalo, decano dos corpos de artilharia de campanha do Exército, originou-se, através do Corpo de Artilharia Montada da Corte, — das antigas Brigadas de Artilharia a Cavalo, fundadas por D. João VI em 1809.

Um futuro promissor anunciaava-se à carreira do Capitão Emílio Luiz Mallet, quando os drásticos acontecimentos de 7 de abril de 1831, que culminaram com a abdicação de P. Pedro I, vieram alterar o curso normal de sua vida de soldado.

No Rio de Janeiro, o Coronel João Carlos Pardal, comandante do Corpo de Artilharia Montada da Corte, por lealdade pessoal ao Imperador, negou-se a conduzir ao Campo de Santana,

as baterias que se encontravam no quartel de São Cristóvão. Passou o comando ao seu substituto, que o fêz.

O Capitão Mallet, que se encontrava no Rio Grande do Sul, ao leu das paixões do dia, foi incluído indevidamente em uma lista de oficiais estrangeiros contratados, que foram demitidos por decreto de 29-4-1831.

Com isto, o governo da Regência punha novamente em execução uma lei de 24-11-1830, que determinava que só podiam ser oficiais do Exército os brasileiros natos e, dentre os estrangeiros aquêles que tivessem colaborado na luta pela Independência ou tivessem recebido ferimentos a serviço da Nação. Pela letra da lei, que não previa outras circunstâncias, embora estivessem contidas em seu espírito, só faltava a Mallet um ferimento em combate. Os seus serviços na Cisplatina, onde não lhe faltaram oportunidades de ser ferido, foram esquecidos.

Além disso, a lei fôra duplamente mal aplicada em relação a Mallet, conforme opinou mais tarde o Conselho Supremo Militar e o Poder Legislativo quando o reintegrou no Exército.

Embora francês de nascimento, Mallet viera para o Brasil antes de sua emancipação política; sua praça de 1.º cadete, dada quando o Imperador reunia em si todos os poderes do Estado, dera-lhe concomitantemente a nacionalidade brasileira; sua situação no Exército não era de oficial estrangeiro contratado, pois cursara a Academia Real

Militar e seguira carreira normal nos quadros de sua Arma.

Diante do fato consumado, de clamorosa injustiça, que certamente teria incompatibilizado a uma personalidade vulgar, o comportamento do Capitão Mallet foi de admirável firmeza de ânimo, de absoluta serenidade, de que só é capaz um caráter e um coração bem formados,

Afastado do Exército, passa a residir em uma das fazendas de seu sogro, no Quebracho, em Bagé, e entrega-se ao rude labor da vida pastoril, identificado com os costumes da província que mais habitou e amou. Em Bagé, torna-se, logo, pessoa de consideração, pelas úteis iniciativas, que toma em favor dessa então vila, isolada em plena fronteira deserta.

Não tardou, porém, que sua Pátria adotiva viesse a utilizar novamente os seus serviços de guerra.

Com a eclosão do movimento farroupilha, a 20 de setembro de 1835, o sogro de Mallet, Coronel Antônio de Medeiros Costa, veterano das Campanhas da Cisplatina e prestigioso chefe local, reúne forças na fronteira e forma com Bento Manoel Ribeiro e Silva Tavares o núcleo inicial do Exército legalista de combate à Revolução que se propagava pela província.

Emílio Luiz Mallet, educado militarmente na Corte do Império, com a visão unitária da Nação Brasileira, integra-se na causa da legalidade, auxiliando seu sogro na mobilização e ades-

tramento de novos combatentes para o Exército Imperial.

No decorrer do decênio farroupilha, os serviços de Mallet são utilizados pelos generais que comandaram na província.

Em 1837, o general Antônio Elzeálio, testemunha de sua conduta na batalha do Passo do Rosário, entrega-lhe o comando de uma bateria do Corpo de Artilharia a Cavalo, que se desloca para o litoral. Depois o nomeia major da Guarda Nacional em comissão no Exército, encarregado da fortificação da cidade do Rio Grande.

Em 1842, o Barão de Caxias, ao assumir a direção das operações, nomeia-o Deputado do Adjunto-General junto à 1.ª Divisão. Este cargo, na época, correspondia às funções de chefe de Estado-Maior e, a escolha da pessoa do titular revela a confiança do Comando na competência e no caráter de Mallet.

Nesse período, Mallet amplia a sua experiência de oficial de Estado-Maior, com a solução de casos concretos de combinação de armas, organização de marchas, suprimentos, etc.

Terminada a cruenta guerra civil, pela pacificação do povo rio-grandense, Mallet retorna às atividades pastoris, na fazenda do Quebracho, empobrecido pelos danos sofridos em seus bens, durante a Revolução. Mas, transcorridos seis anos, novamente abandona o trabalho dos campos e acorre ao chamamento das armas, na Campanha contra Rosas, em 1851.

Caxias, nomeado Comandante do Exército em operações, desloca-se para o Sul e, em Bagé, encontra-se com Emílio Luiz Mallet, a quem convida para participar da Campanha, no comando do 1.º Regimento de Artilharia a Cavalo.

O major Mallet parte imediatamente para São Gabriel, onde mobiliza os meios disponíveis e marcha para Liryramento, a 10-8-1851, a frente do Regimento. Incorpora-se à 4.ª Divisão de Cavalaria, comandada por David Canabarro, com a qual penetra em território uruguai, rumo a Montevidéu.

Nessa penosa travessia, nas inúmeras dificuldades da marcha, em plena estação invernal, através dos campos cobertos de geada, Mallet apela muitas vezes para a tração bovina, para livrar seus canhões dos banhados e atoleiros.

Os condutores do Regimento usavam, então, compridas e pesadas perneiras de couro com guarnições metálicas, que lhes fazia o passo tardio e lembrava o boi das peças. Por isso foram chamados de "Boi de Botas", apelido este que depois se estende a toda a Arma de Artilharia.

Concentrado o Exército em Colônia, o Brigadeiro Marques de Souza, com a 1.ª Divisão, incorpora-se às tropas argentinas de Urquiza. O major Gonçalves Fontes, mais antigo, assume o comando do 1.º Regimento que segue com a expedição e combate em Monte-Caseros.

Mallet permanece em Colônia, com as tropas de observação, e passa a organizar, disciplinar e

comandar o 2.º Regimento de Artilharia a Cavalo, com as baterias do contingente prussiano que vai pessoalmente buscar em Pelotas. Esta nova unidade foi extinta, no Rio Grande do Sul, logo após o término da Campanha.

No decurso dessa guerra, por iniciativa do Ministro da Guerra, o governo imperial envia mensagem ao Legislativo propondo a reintegração de Mallet nos quadros do Exército. E, por decreto de 20-9-1851, foi ele readmitido no mesmo posto de Capitão, sua patente de 20 anos atrás, quando o zélo nativista da Regência o dispensara.

Ao reingressar no Exército, não lhe foi contado o tempo em que estivera afastado, embora a metade dele em serviço de guerra, na Revolução Farroupilha.

Foi promovido a major em 1855 e a tenente-coronel graduado em 1863. Colegas de antanho, que com ele foram tenentes, por essa época já haviam atingido o generalato.

Dai em diante, Mallet vai refazer sua carreira militar, passo a passo, servido pelas suas comprovadas qualidades de bravura, perseverança e capacidade profissional.

No tempo de paz, de 1852 a 1864, Mallet serve permanentemente em São Gabriel: como major Instrutor da 4.ª Brigada de Cavalaria, sob o comando do Brigadeiro João Propício Mena Barreto, e depois como Fiscal e Comandante do 1.º Regimento de Artilharia a Cavalo. Nesse tempo, aprimora a sua cultura profissional pela leitura assídua de autores franceses sobre a arte da

guerra e o emprêgo da artilharia nos escalões superiores.

Em 1864, o Brasil foi forçado a intervir na República do Uruguai, ao lado do general Venâncio Flóres, chefe do Partido Colorado, a fim de desaggravar as reiteradas agressões que vinham sofrendo os nossos patrícios lá domiciliados, por parte de Aguirre, chefe do Partido Blanco, então no poder.

O Marechal-de-Campo João Propício Mena Barreto invade o Uruguai, com o chamado Exército do Sul, constituído de duas Divisões, apoiadas pelo 1.º Regimento de Artilharia a Cavalo, sob o comando de Emílio Luiz Mallet.

Nesta Campanha, o tenente-coronel Mallet foi um dos mais ativos colaboradores do Marechal João Propício. Foi o artilheiro invicto de Paissandu e Montevidéu, a cabeça técnica do cérco e da rendição dessas praças de guerra.

Em Paissandu fêz o reconhecimento das trincheiras inimigas e tomou parte no Conselho que resolveu o seu Plano de Ataque; colocou a infantaria em suas posições avançadas e assestou as baterias de seu regimento e toda a artilharia desembarcada da Esquadra, cujo comando também assumiu. Dirigiu o intenso bombardeio e combateu ativamente durante 52 horas até o assalto final e rendição da praça, a 2-1-1865.

No cérco de Montevidéu, presidiu a Comissão que fêz o reconhecimento por terra e por água das fortificações em torno da cidade; apresentou, após, o Plano de Ataque que foi aprovado pelo

Conselho dos Generais. Assistiu, após, ao sítio da praça que capitulou sem combater.

Do acampamento de Montevidéu, Emílio Luiz Mallet marchou para a Campanha do Paraguai, ilustrando-se no Passo da Pátria, no comando desse mesmo regimento, a frente do qual colabora preponderantemente no maior feito de armas da guerra: a batalha de Tuiuti, onde resplandecem as figuras de Osório, Sampaio e Mallet.

Em Tuiuti, na opinião insuspeita do generalíssimo Mitre, coube o maior esforço ao Exército Brasileiro. As honras do dia, declararam os historiógrafos, foram de Osório, da Divisão Sampaio e da Artilharia de Mallet.

A Artilharia de Mallet, na frase expressiva de Tibúrcio, "foi o ponto geocêntrico, a chave tática dos acontecimentos do dia"; foi o rochedo na linha da costa contra o qual não quebrar-se impotentes as vagas de um mar revolto", no lapidar dizer de Tasso Fragoso; "o primeiro fator do triunfo", como escreve Cunha Matos, — por ter trancado o caminho à cavalaria inimiga, no centro, eixo de batalha de Lopez, de cujo rompimento dependia o envolvimento dos flancos e o aniquilamento dos Aliados, conforme os planos do Ditador.

Em Tuiuti, a artilharia de campanha brasileira, representada pelo 1.º Regimento de Artilharia a Cavalo, teve oportunidade de atuar pela primeira vez, com 24 canhões postos em linha, sincrônica e coordenadamente, sob um comando único.

Promovido a Coronel por atos de bravura, Emílio Luiz Mallet passa a comandar a artilharia do 1.º e 3.º Corpos de Exército, com a qual faz a preparação do cerco e assalto à fortaleza de Humaitá e ao forte de Estabelecimento.

Em Humaitá, num sítio prolongado, árduas foram as tarefas de Mallet, dispondo de pouca artilharia pesada em condições de bombardear fortificações do gênero e da extensão das dessa fortaleza. A Artilharia a Cavalo, com sua mobilidade, atendeu com seus fogos, a todos os pontos da linha, apto a acompanhar a vanguarda em qualquer movimento para a frente.

Estas dificuldades eram agravadas pelas naturais dissensões entre os chefes, que dilatavam o desfecho dêsse prolongado sítio. Os choques de comando são comuns em campanha e se agravam principalmente em guerras de coalizão, em que forças de países diversos são subordinadas ao comando de um dêles.

Dentro dêsse quadro geral, êsses incidentes dão idéia perfeita do drama vivido pelo então Coronel Mallet. Mas, acima dos melindres, seus e dos seus subordinados, estavam a disciplina e o cumprimento dos deveres para com a Nação.

Na última fase do Comando de Caxias, da travessia do Chaco à ocupação de Assunção, Mallet exerce praticamente o Comando-Geral da Artilharia, diretamente subordinado ao Comandante-Chefe. Assessorá-o na repartição dos meios disponíveis. Atua com os fogos de sua Arma nos com-

bates de Itororó e Avaí e apoia a manobra do Chaco no destacamento do Piquissirí.

Em Lomas Valentinas, Mallet concentra a artilharia dos três Corpos de Exército e dirige pessoalmente os bombardeios em massa que aniquilaram aquelas posições fortificadas e coroaram as vitoriosas operações ofensivas de dezembro de 1868.

Em sua Ordem do Dia sobre o feito, escreve Caxias que — “terminado o bombardeio, que não só causou grandes estragos e mortalidade no inimigo, mas que pareceu tê-lo aterrado e completamente desmoralizado, o assalto foi dado com o maior ímpeto e galhardia rivalizando em arrôjo e intrepidez as forças dos Exércitos aliados que nêle tomaram parte, mas cabendo inquestionavelmente as honras da jornada à Artilharia, que depois do bombardeio avançou por modo tal, que penetrou nas trincheiras do inimigo com as linhas dos nossos Atiradores”.

Bernardino Bormann, testemunha presencial, escreve que — “Mallet serve para tudo. É artilheiro calmo; se a situação exige, ele tem a intrepidez e o denôdo de Andrade Neves.”

Na última fase da guerra, na chamada Campanha das Cordilheiras, sob a direção do Conde d'Eu, é restabelecido o Comando-Geral da Artilharia, como grande Unidade da Arma, com amplas atribuições, equiparada a comando de Divisão e diretamente subordinada ao Comandante-Chefe. O Coronel Emílio Luiz Mallet é efetivado nesse Comando, que praticamente já vinha exercen-

do. Logo após, por decreto de 16-7-1869, é promovido a Brigadeiro, "em atenção aos relevantes serviços prestados ao Exército em campanha". Atinge, assim, o seu zênite, a árdua carreira militar de Mallet, pontilhada de altos feitos e de inúmeras dificuldades.

A natureza das operações, no início dessa Campanha, exigiram o emprêgo descentralizado da Artilharia, nas diversas expedições de reconhecimento e tomada de contato. Nelas, o Conde d'Eu entregou ao Brigadeiro Mallet o comando de fortes destacamentos mistos que manobraram e combateram em Ascurra e Sapucaí, através das montanhas.

Em agosto de 1869, o Exército aproxima-se de Peribebuí, capital provisória de Lopez, no altiplano das Cordilheiras, fortificada por amplo entrincheiramento poligonal, fortemente artilhado e defendido pelas tropas de Cabalero.

Na madrugada de 12 de agosto, Mallet concentra 50 canhões em posição dominante, em amplo semicírculo, e bombardeia as trincheiras e o recinto de Peribebuí. Diz ele em sua Parte de Combate.

"Fiz romper o fogo em toda linha, o qual levou o terror e a confusão ao inimigo que, vendendo-se batido por todos os lados, não pôde abrigar-se de nossas certeiras pontarias durante as duas horas que durou o bombardeio, cessando este quando apresentaram-se as nossas colunas de infantaria que então tomaram de assalto o reduto".

Na batalha de Campo Grande, último grande feito de armas dessa Campanha, o brigadeiro Mallet empenhou-se na refrega, com os fogos de sua Arma, e pessoalmente conduzindo um destacamento do 2.º Corpo de Exército, contra as tropas de Cabalero. O Conde d'Eu, em sua Parte de Combate, escreve que: "O brigadeiro Emílio Luiz Mallet, que voluntariamente concorreu no lugar da ação na batalha de Nuguassú ou Campo Grande, a 16 de agosto de 1869, é digno dos maiores encômios, pela parte ativa que nela tomou, muito contribuindo com seus conselhos para o completo desbarato do inimigo".

Logo opós, Mallet marcha na vanguarda do 2.º Corpo de Exército e assiste ao combate de Caramaguatá onde atua como seus fogos uma bateria do 1.º Regimento de Artilharia a Cavalo.

Ao findar a Campanha, em 1870, o Comandante-Chefe escreveu estas memoráveis palavras sobre a Arma de Mallet: "A Artilharia prestou relevantíssimos serviços que nunca poderão ser suficientemente elogiados".

A última comissão de Mallet, no Paraguai, foi a de Comandante da guarnição de Rosário, onde concentrou toda a Artilharia, procedeu à extinção de duas Unidades, reajustou os efetivos e evacuou para o Brasil o 1.º Regimento de Artilharia a Cavalo e os batalhões de Artilharia a Pé.

De regresso ao Brasil, após o término da guerra, sem nunca ter dela se afastado, Emílio Luiz Mallet retorna ao Rio Grande

do Sul, cenário familiar de sua longa vida de soldado.

Nos 15 anos de atividade, nos postos de Oficial-General, em tempo e paz, de 1870 a 1885, Mallet foi essencialmente um chefe de fronteira, onde imprimiu à sua ação o realce e a eficiência de sua vigorosa personalidade.

Como Brigadeiro, exerce os Comandos das Fronteiras de Bagé e de Livramento-Quarai; como Marechal-de-Campo, os elevados cargos de Comandante das Armas e de Inspetor de Cavalaria e Artilharia no Rio Grande do Sul. Foi um prestimoso auxiliar, na província, das administrações na pasta da guerra dos generais Osorio e Câmara.

Emílio Luiz Mallet passou no Rio Grande do Sul a quase totalidade de sua longa vida militar, num ambiente de redobra da atividade profissional, de mais de meio século, da consolidação da fronteira meridional às vésperas da proclamação da República. Participou das homéricas lutas que ali se travaram, na Cisplatina e na Farroupilha; dali partiu para as Campanhas da Argentina, do Uruguai e do Paraguai. Integrou-se na vida e no espírito da gente rio-grandense; viveu as suas tendências e anseios, os seus sofrimentos e o seu heroísmo. Por tôda a parte por onde andou, nas cidades e nos campos, foi recebido e festejado com a veneração e o acatamento devidos a um autêntico herói nacional.

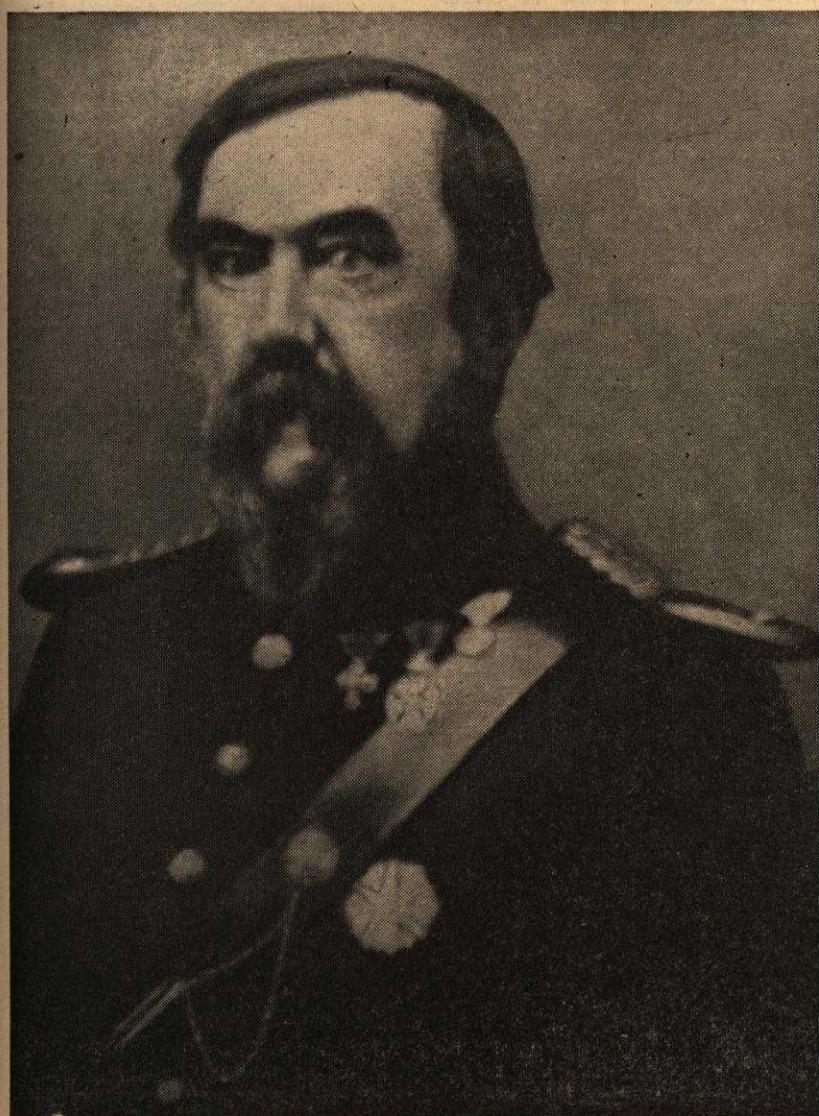
Em fins de fevereiro de 1885, Emílio Luiz Mallet embarca para o Rio e Janeiro, a procura de maiores recursos médicos para sua saúde abalada. O velho soldado, já octogenário, presente que sua jornada terrena aproxima-se do fim. Reforma-se a 30 de maio do mesmo ano, no pôsto de Marechal-de-Exército e, a 2 de janeiro de 1886, falece na avançada idade de 84 anos.

Assim findou-se essa existência útil e trabalhosa, tôda devotada ao Exército que tanto amou e serviu, na juventude e na velhice, com o devotamento do patriota, a lealdade do soldado e a bravura de um herói antigo.

Emílio Luiz Mallet foi um grande soldado, de modelo bem acabado e inteiríço. Dotado de excepcional vigor físico, com dois metros de altura, foi um soberbo tipo de chefe militar, de bela e majestosa presença: estatura de gigante em corpo de atleta.

Pelo testemunho de seus contemporâneos, — a par da bravura e da competência, — possuía espírito reto, de ordem e de justiça, e grande firmeza de caráter. Enfim, humor sem lacunas nem modalidades bruscas, independência sem insubordinação, justiça inteira, sem fraquezas nem crueldades. A bondade de seu grande e nobre coração aureolava a austeridade de sua marcial figura. “Já na quietude dos acampamentos, já na febril agitação dos combates, era sempre o mesmo chefe, — paternal e amigo”.

PATRONO DA ARMA DE ARTILHARIA



EMILIO LUIZ MALLET — Fotografia tirada em Montevidéu, em 1855, na Campanha do Uruguai, quando Ten Cel Comandante do 1.º Regimento de Artilharia a Cavalo, o célebre "Boi de Botas".

DADOS BIOGRAFICOS DO AUTOR

1. Nome: Pedro Jacinto de Mallet Joubin.
2. Data de Nascimento: 23 de agosto de 1915.
3. Natural de: Santa Maria, Rio Grande do Sul.
4. Filiação: Filho legítimo de Álvaro Domingues Jobim, fazendeiro em Cacequi, R.G. do Sul e em Ribas do Rio Pardo, Mato Grosso, e de Estelita de Mallet Jobim, falecida.
5. Profissão: Major da Reserva Remunerada do Exército (Artilharia). Identidade — 3G-80444. — Professor de Filosofia, Psicologia e História (Registro do MEC n.º F-2096); Registro Psicológico, n.º 512, do MEC.
6. Cursos

Militares: Curso de Oficial da Reserva de 2.ª classe, do CPOR/ P. Alegre, turma de 1942. — Curso de Classificação de Pessoal (Psicotécnica Militar), da Diretoria-Geral de Ensino do Exército, 1952. Arma de Artilharia.

Universitários: Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, turmas de 1946 e 1947. Diversos cursos

de extensão universitária de Psicologia, geral e aplicada, Sociologia, Economia, Política, Problemas Brasileiros, freqüentados no ISOP, Academia Brasileira de Letras, Associação dos Diplomados pela Escola Superior de Guerra, Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES), Ciclo Sócio-Político (1968) do Curso de Altos Estudos Brasileiros da Sociedade Brasileira Federal do Rio de Janeiro, etc.

7. Trabalhos:

- a) Artigo sobre a História da Artilharia de Costa no Brasil, na Revista do Forte de Copacabana, 1952.
- b) Cooperador da "História da Técnica Militar Brasileira" (a publicar), elaborado por comissão do Departamento de Produção e Obras do Ministério do Exército (1961).
- c) "Aspectos da Reforma Agrária"
- c) "Aspectos da Reforma Agrária Brasileira" (1963). (Em impressão).
- d) Biografia do "Marechal Emílio Luiz Mallet, Patrono da Artilharia".
- e) Genealogia da Família Joubim.
- f) Pesquisas históricas, citadas em obras dos Generais Klinger, Paula Cidade e Tasso Fragoso; do Cel. F. V. Portella F. Alves e do Gen Heitor Aragão Borges Fortes.

~~~~~

*"Um país pobre é pobre não porque seja pobre no sentido material; é pobre porque é pobre em caráter. O problema de formação do capital é no fundo um problema da formação do caráter."*

S. K. MEHTA, Diretor do Departamento Econômico da Universidade de Allahabad.